

Heródoto e a invenção do outro

Confrontos e conflitos culturais

Maria Aparecida Oliveira Silva
Maria de Fátima Silva
(Coords.)

HVMANITAS SVPPLEMENTVM • ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

Apresentação: esta série destina-se a publicar estudos de fundo sobre um leque variado de temas e perspectivas de abordagem (literatura, cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade.

Breve nota curricular sobre a Coordenação do volume

Maria Aparecida Oliveira Silva. Pesquisadora do Taphos/MAE/USP. Líder e professora colaboradora do Grupo LABHAM/UFPI. Pesquisadora do Grupo Linceu/Unesp-Araraquara e do Grupo Retórica Antigua da Universidad de Cádiz. Autora de "Plutarco Historiador: Análise das Biografias Espartanas", 2006; "Plutarco e Roma: O Mundo Grego no Império", 2014. Plutarco. "Da Malícia de Heródoto", estudo, tradução e notas, 2013, todos publicados pela Edusp. Tradutora de Plutarco e Heródoto.

Maria de Fátima Silva é Prof. Catedrática Jubilada do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. A sua investigação incide sobretudo em matérias de teatro grego (tragédia e comédia), historiografia, estudos de receção, em particular sobre literatura dramática e conto de inspiração clássica na Literatura Portuguesa. É autora de traduções de Aristófanes, Menandro, Heródoto, Cáriton, Aristóteles, Teofrasto, Pausânias. Coordenou e colaborou em volumes publicados pela Brill – *Portrayals of Antigone in Portugal*, *Portraits of Medea in Portugal* –, pela Cambridge Scholars Publishing – *A Special Model of Classical Reception. Summaries and Short Stories* – e pela Aracne – *Heroes and Anti-Heroes*.

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

DIRETOR PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Delfim Leão
Universidade de Coimbra

DIRETORES ADJUNTOS
EDITORIAL ASSISTANTS

José Luís Brandão
Universidade de Coimbra

Margarida Miranda
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriana Nogueira
Universidade do Algarve

Breno Battistin Sebastiani
Universidade de São Paulo

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra)

Cinzia Susanna Bearzot
Università Cattolica del Sacro Cuore

David Pritchard
University of Queensland

Edmund P. Cueva
University of Houston-Downtown

Gabriele Cornelli
Universidade de Brasília

Nuno Simões Rodrigues
Universidade de Lisboa

Olivier Guerrier
Université Toulouse II Jean Jaurès

Paulo Sérgio Margarido
Universidade de Coimbra

Priscilla Gontijo Leite
Universidade Federal da Paraíba

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

Heródoto e a invenção do outro

Confrontos e conflitos culturais

Maria Aparecida Oliveira Silva

Maria de Fátima Silva

(Coords.)



SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

HERÓDOTO E A INVENÇÃO DO OUTRO: CONFRONTOS E CONFLITOS CULTURAIS

HERODOTUS AND THE INVENTION OF THE OTHER: ENCOUNTERS AND CULTURAL CONFLICTS

COORD. ED.

Maria Aparecida Oliveira Silva, Maria de Fátima Silva

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Pedro Bandeira

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISSN

2182-8814

ISBN

978-989-26-2600-0

ISBN Digital

978-989-26-2601-7

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2601-7>

Depósito Legal Legal Deposit

534682/24



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de I&D
financiada por **fct** Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia Projeto
UIDB/00196/2020 Criado em 1967



Financiado com Fundos Nacionais através da FCT -
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito
do projeto UIDB/00196/2020

© Julho 2024

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

HERÓDOTO E A INVENÇÃO DO OUTRO: CONFRONTOS E CONFLITOS CULTURAIS

HERODOTUS AND THE INVENTION OF THE OTHER: ENCOUNTERS AND CULTURAL CONFLICTS

EDITORS

Maria Aparecida Oliveira Silva, Maria de Fátima Silva

AFFILIATION

Universidade Federal do Piauí, Universidade de Coimbra

RESUMO

Este título reúne um conjunto de textos, agrupados em duas secções: uma Parte 1, nas questões suscitadas pela narrativa de Heródoto, e uma Parte 2, sobre a receção que o autor conheceu na própria Antiguidade.

Suscita, assim, as linhas de força numa discussão hermenêutica que foi somando leituras ao longo dos séculos, a que o texto de Heródoto – essencialmente focado nas relações entre Oriente e Ocidente, Ásia e Europa – sempre traz um inesgotável contributo.

PALAVRAS-CHAVE

História, mito, interculturalidade, costumes, regimes políticos

ABSTRACT

This title brings together a series of texts, grouped into two sections: Part 1, on the issues raised by Herodotus' narrative, and Part 2, on the author's reception in Antiquity itself.

It thus draws the lines of force in a hermeneutic discussion that has been adding readings over the centuries,

to which Herodotus' text – essentially focused on the relationship between East and West, Asia and Europe – has always made an inexhaustible contribution.

KEYWORDS

History, myth, interculturalism, customs, political regimes

EDITORS

Maria Aparecida Oliveira Silva. Pesquisadora do Taphos/MAE/USP. Líder e professora colaboradora do Grupo LABHAM/UFPI. Pesquisadora do Grupo Linceu/Unesp-Araquara e do Grupo Retórica Antigua da Universidad de Cádiz. Autora de "Plutarco Historiador: Análise das Biografias Espartanas", 2006; "Plutarco e Roma: O Mundo Grego no Império", 2014. Plutarco. "Da Malícia de Heródoto", estudo, tradução e notas, 2013, todos publicados pela Edusp. Tradutora de Plutarco e Heródoto.

Maria Aparecida Oliveira Silva. Leader and collaborating teacher of the Grupo LABHAM/UFPI. Reseacher of Grupo Heródoto/Unifesp, Taphos/MAE/USP and Grupo Linceu/Unesp-Araquara e do Grupo Retórica Antigua da Universidad de Cádiz. Autor of "Plutarco Historiador: Análise das Biografias Espartanas", 2006; "Plutarco e Roma: O Mundo Grego no Império", 2014. Plutarco. "Da Malícia de Heródoto", estudo, tradução e notas, 2013, published by Edusp. Translator of Plutarch e Herodotus.

Maria de Fátima Silva é Prof. Catedrática Jubilada do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. A sua investigação incide sobretudo em matérias de teatro grego (tragédia e comédia), historiografia, estudos de receção, em particular sobre literatura dramática e conto de inspiração clássica na Literatura Portuguesa. É autora de traduções de Aristófanes, Menandro, Heródoto, Cáriton, Aristóteles, Teofrasto, Pausânias. Coordenou e colaborou em volumes publicados pela Brill – *Portrayals of Antigone in Portugal, Portraits of Medea in Portugal* –, pela Cambridge Scholars Publishing – *A Special Model of Classical Reception. Summaries and Short Stories* – e pela Aracne – *Heroes and Anti-Heroes*.

Maria de Fátima Silva is Professor Emeritus of the Group for Classical Studies at the University of Coimbra. Her research focuses mainly on Greek theatre (tragedy and comedy), historiography, reception studies, in particular on dramatic literature and the classically inspired short story in Portuguese Literature. She is the author of translations of Aristophanes, Menander, Herodotus, Chariton, Aristotle, Theophrastus, Pausanias. She has coordinated and collaborated on volumes published by Brill - *Portrayals of Antigone in Portugal, Portraits of Medea in Portugal* -, by Cambridge Scholars Publishing - *A Special Model of Classical Reception. Summaries and Short Stories* - and by Aracne - *Heroes and Anti-Heroes*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. A HISTORIOGRAFIA INAUGURAL DE HERÓDOTO Glória Braga Onelley Greice Drumond	9
PARTE 1	
HERÓDOTO. O PAI DA HISTÓRIA	
ORDERING EMPIRE: VISIONS OF IMPERIAL SPACE IN HERODOTUS' <i>HISTORIE</i> Jessica Romney	17
HERÓDOTO E A DEMOCRACIA Paulo Butti de Lima	35
DIPLOMACIA DE GUERRA EM HERÓDOTO Maria de Fátima Silva	55
LA MÚSICA EN HERÓDOTO Esteban Calderón Dorda	83
Πρῆγμα οὐκ ὀσιον. I SACRIFICI UMANI NELLE <i>STORIE</i> DI ERODOTO Francesca Gazzano	105
A LÍBIA DE HERÓDOTO Maria Aparecida de Oliveira Silva	131
DEYOCES EL MEDO, ESPEJO DE PRÍNCIPES EN HERÓDOTO Carmen Sánchez-Mañas	151
A <i>INTERPRETATIO GRAECA</i> DE ISHTAR SEGUNDO HERÓDOTO Nuno Simões Rodrigues	171
ERODOTO E LA TRAGEDIA DI TROIA. A PROPOSITO DI 2. 112-120 Roberto Nicolai	183
PARTE 2	
RECEÇÃO ANTIGA DE HERÓDOTO	
PLUTARCO Y LA IRRELIGIOSIDAD DE HERÓDOTO: ¿JUICIO SEVERO O FICCION RETÓRICA? Vicente M. Ramón Palerm Silvia Vergara Recreo	203
HUELLAS HERODOTEAS EN LA POESÍA HELENÍSTICA MENOR Rafael J. Gallé Cejudo	215
ÍNDICE DE AUTORES E PASSOS CITADOS	239
ÍNDICE DE ANTROPÓNIMOS, ETNÓNIMOS E TOPÓNIMOS	255
PARTICIPANTES	263

DEYOCES EL MEDO, ESPEJO DE PRÍNCIPES EN HERÓDOTO*

CARMEN SÁNCHEZ-MAÑAS
Universidad de Murcia
c.sanchezmanas@um.es

RESUMEN: Este capítulo se encuadra en el tópico ‘Bárbaros: asimetrías multiculturales’, en concreto en el tema ‘caracterización del soberano oriental’. Abordamos la cuestión mediante un estudio de caso centrado en Deyoces, un medo probablemente legendario, a quien Heródoto presenta como el primer soberano de la Media independiente en el Libro I. Consideramos que merece la pena analizar su trayectoria en profundidad porque la dudosa historicidad del personaje, combinada con las importantes afinidades que presenta con tres reyes iraníes posteriores de talantes muy distintos, Ciro II, el mago Esmerdis y Darío I de Persia, sugiere que el perfil de Deyoces puede haber sido modelado como a imagen y semejanza de los citados soberanos. Entendemos asimismo que nuestro estudio puede arrojar luz sobre la caracterización del soberano oriental en el conjunto de las *Historias*.

ABSTRACT: This chapter falls under topic ‘Barbarians: multicultural asymmetries’, specifically under the theme ‘profile of the oriental sovereign’. We approach the question by means of a case study focusing on Deioces, a probably legendary Median man, whom Herodotus presents as the first ruler of the independent kingdom of Media in Book I. We consider that his figure deserves to be analysed in depth because his dubious historicity, together with his significant affinities with later Iranian kings of very different character, namely Cyrus II, Smerdis the Magus and Darius I of Persia, suggests that Deioces’ profile may have been modelled in the image and likeness of these three monarchs. We also believe that our study may contribute to shed light on the profiles of oriental rulers in the *Histories* as a whole.

1. INTRODUCCIÓN

Según las *Historias* de Heródoto el primer rey de Media es un tal Deyoces. Este hombre no tiene tanto peso como otros soberanos del Oriente Próximo mejor conocidos, a saber: Creso de Lidia o Ciro de Persia y sus sucesores Cambises, Darío o Jerjes. Deyoces ni siquiera tiene espacio propio dentro de la obra. Concentra el foco de atención narrativa durante los siete primeros capítulos del llamado *Logos de Ciro*,¹ para no volver a aparecer ni ser mencionado en el resto de la obra.

* La investigación conducente a este trabajo se llevó a cabo en la KU Eichstätt-Ingolstadt (Alemania) durante una estancia de investigación financiada por el programa Moving Minds 2022 de la Universidad de Murcia.

¹ Hdt. 1.95-101.

La escasa presencia en términos cuantitativos no se traduce en irrelevancia cualitativa. No en vano, la ‘biografía’ de Deyoces ocupa una posición privilegiada en el *logos* y, además, su protagonista constituye el primer modelo de realeza oriental que Heródoto desarrolla ampliamente a nivel teórico. Por estas razones, en los últimos años la figura del rey medo ha suscitado mucho interés entre los especialistas.² El presente trabajo pretende contribuir a la discusión académica mediante la caracterización de Deyoces, hijo de Fraortes, en su calidad de soberano oriental.

El autor de Halicarnaso presenta al personaje como un hombre astuto, enamorado del poder, que saca provecho de la anarquía en que están inmersos sus compatriotas y capitaliza su conocimiento innato de la justicia. Cultivándola cada vez con mayor ahínco, consigue el monopolio: convertirse en el único juez no solo de su aldea, sino de toda Media. En ese momento, retira sus servicios y los medos reaccionan al envite eligiéndolo rey. Una vez nombrado, escoge a los miembros de su guardia y establece estrictos protocolos de acceso e interacción con su real persona. Además, hace que sus nuevos súbditos erijan cámaras del tesoro y un palacio-fortaleza protegido por murallas concéntricas. También les insta a abandonar sus aldeas y asentarse alrededor del complejo amurallado, construyendo la capital del país, la futura Ecbatana. Enrocado en su palacio-fortaleza, Deyoces continúa administrando justicia por escrito, informándose a través de espías que lo ven y oyen todo. Como rey se limita a ejercer una labor de unificación, porque reúne bajo su mando las seis tribus medas, sin atacar ni conquistar otros pueblos.

La historicidad de nuestro protagonista es, como mínimo, dudosa³. Posiblemente, su nombre sea un indicio de ello, ya que podría remitir a **Dahyuka* (“líder del pueblo” o “líder del territorio”), que podría operar como título real.⁴ No es descabellado pensar que esta ‘biografía’ herodotea apunta en la misma dirección, puesto que contiene nula o muy poca información concreta sobre la vida del personaje (nacimiento, infancia y juventud, matrimonios, edad adulta, logros y fracasos como soberano, muerte, etc.). Se compone más bien de una concatenación

² Palomar (1987); Arieti (1995); Meier, Patzek, Walter & Wiesehöfer (2004); Belloni (2006); Chiasson (2012); Thomas (2012); Zournatzi (2013); Fitzsimons (2017); Attack (2020); Munson (2020); Ober (2022).

³ Asheri (1988: 327); Kuhrt (1995: 652-656); Briant (2002: 23-27). La historicidad del reino de Media no es menos dudosa, véanse Rollinger (2003); Chiasson (2012: 226); Brosius (2020: 11-12), que menciona las fortificaciones como centros de poder típicos de Media.

⁴ Soudavar (2012: 71, n. 124). Curiosamente, el nombre griego, Δηϊόκης, suena a δηϊόω (“destruir”), que en las *Historias* aparece con el sentido de “devastar territorio” (Hdt. 5.89.2, 6.135.1, 7.133.2, 8.33, 8.50.2, 8.121.1), véase Powell (1938: 85, s.v. δηϊώ). Si aceptáramos esta conexión, el nombre parlante griego (“el devastador”), entraría en contradicción con su equivalente iranio, minando la imagen de (buen) liderazgo que este proyecta.

de anécdotas de cariz impersonal, aplicables a casi cualquier fundador de reino. Parece, pues, un cuento o mito fundacional ligeramente racionalizado.⁵

Más que un personaje de carne y hueso desdibujado por el tiempo, Deyoces parece un constructo, una imagen de realeza que refleja como un espejo a tres reyes de Persia, de mayor entidad histórica, que figuran en la obra herodotea, a saber: el suplantador Esmerdis,⁶ Ciro y Darío.

2. EL REFLEJO DE ESMERDIS

Un cúmulo de factores impulsa al mago Esmerdis a rebelarse y ocupar el trono de Persia: la ausencia del legítimo rey, Cambises, conquistador de Egipto; el asesinato secreto del hermano de este; su parecido físico con el príncipe fallecido, con quien, en un giro folclórico, comparte nombre; y la posición de su propio hermano, Patícites, mayordomo de la casa del rey (τῶν οἰκίων μελεδωνός).⁷

Cuando Cambises muere sin herederos, el mago reina siete meses sin oposición, haciéndose pasar por su real tocayo. Durante ese tiempo, se gana el apoyo de los pueblos asiáticos no persas derramando beneficios sobre ellos: decreta una exención de tres años en el servicio militar y el pago de los impuestos. Es tan popular que, después de muerto, lo echan de menos.⁸ Sin embargo, los persas – o, mejor dicho, su élite – no sienten tanta simpatía. Quien lleva la voz cantante en la élite es Otanes, uno de los persas más nobles y ricos, que mira al mago con extrema suspicacia:

οὗτος ὁ Ὀτάνης πρῶτος ὑπώπτευσε τὸν Μάγον ὡς οὐκ εἶη ὁ Κύρου Σμέρδης ἀλλ' ὅς περ ἦν, τῇδε συμβαλόμενος, ὅτι τε οὐκ ἐξεφοίτα ἐκ τῆς ἀκροπόλιος καὶ ὅτι οὐκ ἐκάλεε ἐς ὅψιν ἑωυτῷ οὐδένα τῶν λογιμῶν Περσέων.⁹

La reclusión de Esmerdis y su renuencia a mantener contacto directo con las clases altas soliviantan a Otanes, haciéndole dudar de que sea quien dice ser. Como en otras ocasiones, Heródoto abre una ‘ventana’ a los pensamientos de un personaje para explicar el curso de acción que va a tomar. Otanes se dispone a

⁵ Patzek (2004: 64, 69); Thomas (2012: 233, 247, 251). Según Chiasson (2012: 225-226), este tipo de relatos es producto de la técnica ‘mithistórica’.

⁶ Aunque la historicidad del suplantador Esmerdis (*alias* Gaumata) es controvertida, está documentada fuera de las *Historias*, en la inscripción de Behistun, a la que nos referiremos más abajo. Véase García Sánchez (2009: 110-111, n. 118).

⁷ Hdt. 3.61. Sobre el giro folclórico, Aly (1921: 98).

⁸ Hdt. 3.67.2-3.

⁹ Hdt. 3.68.2: “Este Otanes sospechó el primero del mago, que no era Esmerdis el hijo de Ciro sino quien era en realidad y lo sospechaba porque no salía de la acrópolis y porque no llamaba a su presencia a ninguno de los notables persas”. Todas las traducciones del griego citadas en este trabajo son nuestras.

desenmascarar al mago, conspirar contra él y matarlo.¹⁰ La narración está diseñada para que los lectores compartan el punto de vista del aristócrata. Esmerdis aparece bajo una luz sospechosa, como un usurpador que se parapeta tras los muros de un palacio-fortaleza y se esconde de todo aquel que pueda reconocerlo, intentando no ser descubierto.

Crear un entorno seguro, salir poco y restringir el acceso a su persona pueden ser precauciones provocadas por el miedo al derrocamiento, que, por cierto, consigue evitar durante siete meses, un plazo corto que podría haber sido aún más breve de no haberlas adoptado.

En cualquier caso, pese a ser la perspectiva favorecida por el narrador, no es la única posible. Todavía hoy, reyes y reinas de todo el mundo, incluso pertenecientes a dinastías consolidadas, suelen pasar mucho tiempo en sus palacios y castillos, sin apenas dejarse ver y, cuando lo hacen, sus interacciones con sus súbditos están dominadas por el protocolo.

Desde la perspectiva de un monarca, por tanto, el comportamiento de Esmerdis no responde necesariamente a la sensación de amenaza. Al contrario, es esperable y lo encontramos también en Deyoces. En cuanto se ciñe la tiara, instauro un rígido ceremonial: nadie debe acceder a presencia del monarca ni verlo, toda interacción con él debe implicar introductores de mensajes y debe evitarse cualquier comportamiento indecoroso, como reír o escupir ante él. Heródoto atribuye al medo el mérito de ser el inventor de este código de conducta (κόσμον τόνδε Δηϊόκης πρῶτος ἐστὶ ὁ καταστησάμενος), en consonancia con su condición de pionero de la realeza oriental.¹¹

El autor de Halicarnaso no se arriesga a que sus lectores alcancen sus propias conclusiones, sino que especifica la motivación del hijo de Fraortes:

ταῦτα δὲ περὶ ἑωυτὸν ἐσέμνυνε τῶνδε εἵνεκεν, ὅπως ἂν μὴ ὀρώντες οἱ ὀμήλικες, ἐόντες σύντροφοί τε ἐκείνῳ καὶ οἰκίῃς οὐ φλαυροτέρης οὐδὲ ἐς ἀνδραγαθίην λειπόμενοι, λυπεοῖατο καὶ ἐπιβουλεύοιεν, ἀλλ' ἑτεροῖός σφι δοκέοι εἶναι μὴ ὀρώσι.¹²

Deyoces no cuenta con prestigio social derivado de alcurnia, actos de valor sobresalientes o legitimidad dinástica, de modo que debe construir su majestad *ex novo*. El ceremonial le permite distinguirse de sus nuevos vasallos, pero

¹⁰ Hdt. 3.68-79.

¹¹ Hdt. 1.99.1. Aunque su objetivo difiere del de Deyoces, el Ciro jenofonteo impone a su corte la etiqueta meda como quintaesencia de la dignidad real (Xen. *Cyr.* 8.1.40-42). Véase también Asheri (1988: 328).

¹² Hdt. 1.99.2: “Estableció estas solemnidades a su alrededor por esta razón, para que los de su edad, que se habían criado con él y no eran de peor familia ni quedaban por detrás de él en valentía, no se disgustaran ni conspiraran contra él por verlo, sino que, al no verlo, creyeran que era diferente a ellos”.

también disuadirles de maquinan contra él. Para eso no solo no solo se vale de la solemnidad cortesana, sino de su guardia de lanceros medos.¹³

Esmerdis tiene a su disposición un aparato de poder similar, por lo que Deyoces funciona como un reflejo del mago. Hemos visto cómo los lectores de las *Historias* ven parte de la parafernalia implantada por el impostor a través de los desconfiados ojos de Otanes. El resto lo descubren de la mano del conjunto de conjurados. Ellos saben que tendrán que enfrentarse a los guardias apostados en las distintas puertas de palacio, quienes les dejan pasar por voluntad divina. Tras llegar al patio, se encuentran con los eunucos introductores de mensajes. Como no se muestran tan complacientes como los vigilantes, son apuñalados.¹⁴

El sistema de reclusión y protección de Esmerdis se despliega ante los lectores en la práctica, sobrepasado por el empuje de siete hombres decididos. En cambio, el de Deyoces es presentado únicamente en teoría, sin ser puesto a prueba. Ello cuadra con el trasfondo mítico del relato.¹⁵ Para congraciarse con el pueblo, el mago recurre a la táctica cortoplacista de las exenciones, mientras que el hijo de Fraortes apuesta por una estrategia a largo plazo, que supone una ventaja, conforme veremos en detalle en el apartado siguiente: la administración de justicia. Esta finalmente posibilita que Deyoces triunfe donde Esmerdis fracasa.

La diferencia de desenlace se puede explicar también en términos de clase. El mago es el pariente de un oscuro subalterno palaciego y tiene un pasado criminal en castigo por el cual Ciro ordenó amputarle las orejas.¹⁶ Este individuo de baja extracción y mala conducta es abatido por representantes de la flor y nata de la sociedad persa.

En el famoso debate constitucional que sigue al asesinato, el líder del golpe, Otanes, aboga por la isonomía y la entrega del poder al pueblo persa y carga contra la monarquía, enumerando los defectos que lleva aparejados su ejercicio. El hombre que gobierna en solitario hace lo que quiere sin rendir cuentas a nadie, se aleja de la manera de pensar habitual, cae en la soberbia y en la envidia a sus súbditos más destacados, altera las costumbres ancestrales de su pueblo, ejerce la violencia contra las mujeres y mata sin juicio.¹⁷

Otanes ilustra solo el defecto de soberbia (ὑβρις), mencionando dos casos conocidos directamente por sus compañeros de conjura: Cambises, cuyos desmanes aparecen profusamente detallados en las *Historias*; y Esmerdis, cuyo desafuero a ojos de los conspiradores radica en sentarse inmerecidamente en el trono.¹⁸ Aparte de soberbia, podemos considerar a Esmerdis también reo de violencia

¹³ Hdt. 1.98.2.

¹⁴ Hdt. 3.72.1-2; 3.77.

¹⁵ Tank (2019: 69).

¹⁶ Hdt. 3.69.3.

¹⁷ Hdt. 3.80-83; 3.80.

¹⁸ Hdt. 3.27-37. Véase también Souza e Silva (2014: 66).

contra las mujeres, en tanto en cuanto ultraja a las esposas del harén real, entre las que hay princesas y aristócratas, manteniendo relaciones sexuales con ellas, pese a ser socialmente inferior y carecer de derecho a tocarlas.¹⁹

En contraposición, no existe diferencia de clase entre Deyoces y los medos. Por nacimiento y valor, está en pie de igualdad con ellos. Desde este punto de vista, no supone desdoro aceptarlo como soberano. Al contrario que Esmerdis, el hijo de Fraortes no incurre en soberbia. Además, llama la atención que, lejos de violentar de algún modo a las mujeres, no interaccione en absoluto con ellas. Aunque en los relatos sobre reyes orientales las mujeres, como la hija de Otanes, suelen desempeñar un papel relevante, en este episodio brillan por su ausencia.²⁰

Lo que sí hace Deyoces es alterar las costumbres de su pueblo, algo que resulta ambivalente. Por un lado, eleva su posición de rey exitoso a civilizador. Si Esmerdis se limita a comprar tiempo encerrado en una fortaleza ya erigida,²¹ el hijo de Fraortes crea un núcleo urbano imponente. A instancias suyas, los medos dejan de vivir diseminados en aldeas, construyen una ciudad y se concentran en ella.²² La nueva capital de Media no es un mero conjunto de edificios y calles densamente poblado, sino todo un espectáculo.²³ Heródoto se recrea especialmente en el palacio-fortaleza del rey. El complejo residencial está protegido por siete murallas concéntricas, con sendos baluartes, cada uno de un color.²⁴ La minuciosa descripción anticipa la de la ciudad por excelencia: Babilonia.²⁵

Por otro lado, la construcción de la ciudad está teñida de autoritarismo, visible en los verbos que describen el proceso: *κελεύω* (“ordenar”), *ἀναγκάζω* (“obligar”), cuyo sujeto es Deyoces, y *πείθομαι* (“obedecer”), referido a todos los medos.²⁶ No se trata únicamente de proporcionar a sus súbditos un lugar donde

¹⁹ Precisamente una de ellas, la hija de Otanes, lo denuncia como impostor, confirmando las sospechas de su padre y dando a la conjura su razón de ser (Hdt. 3.68.3-69).

²⁰ Puesto que tiene al menos un hijo que le sucede, es de suponer que Deyoces se casa. Sin embargo, ninguna mujer figura en la historia. Sobre el papel de las mujeres en los harenes de los monarcas iraníes, García Sánchez (2009: 112); Pelling (2016: 67).

²¹ Para ἀκρόπολις como palacio-fortaleza, véase Degen (2017: 52-53). Gufler (2016: 189) sugiere que el Esmerdis gobierna desde Ecbatana, lo que reforzaría su conexión con Deyoces. No obstante, puesto que la acción narrativa del complot está localizada en Susa (Hdt. 3.70.3), es más probable que el mago se aísle en la antigua capital elamita. Véanse Powell (1938: 11 s.v. ἀκρόπολις); Asheri & Medaglia (1990: 289).

²² Para los griegos, el sinecismo es síntoma de civilización, Thuc. 2.15.2. Véase también Thomas (2012: 246).

²³ Atack (2020: 25).

²⁴ Los siete colores son emblemas de soberanía universal, por su asociación con los planetas en la tradición caldea, véanse Bichler (2001: 236-237); Degen (2017: 46).

²⁵ Igual que Ecbatana, Babilonia tiene en su centro la residencia real, rodeada de un muro circular (Hdt. 1.181). Ambas ciudades son llamadas πόλις, que en general está reservado para centros urbanos importantes, como Mileto o Atenas (Hdt. 1.78.1-2; 1.98.2; 1.143.2; 6.6), véase Powell (1938: 312, s.v. πόλις).

²⁶ Hdt. 1.98.2-3: ὁ δ' ἐκέλευε [...] ὁ δὲ [...] τοὺς Μήδους ἡγάγασε [...] πειθομένων δὲ καὶ ταῦτα τῶν Μήδων.

vivir y de obtener para sí una residencia que sirva a la vez como sede del gobierno centralizado y símbolo de poder. También es una muestra de dicho poder en acción: él manda edificarla y los medos obedecen. Asimismo, el empleo de la población en las obras complementa el propósito adicional del aislamiento y el protocolo real, porque también puede constituir un factor disuasorio ante conspiraciones.²⁷

3. EL REFLEJO DE CIRO

Según la genealogía herodotea, Deyoces es el tataratatarabuelo de Ciro por línea materna.²⁸ Pese a tener origen mestizo y aceptar medos a su servicio, el fundador del Imperio persa se identifica como persa y no hace hincapié en sus vínculos de sangre con la realeza meda.

Sin embargo, como suele decirse, Heródoto no da puntada sin hilo. Si empieza el *Logos de Ciro* remontándose tan atrás en el tiempo, ha de ser por alguna razón. Como los medos se deshacen del yugo asirio, disfrutan de la hegemonía durante unos ciento cincuenta años y después son sometidos por sus antiguos vasallos persas, la razón podría ser la sucesión cíclica de los imperios.²⁹ Dicha explicación global es compatible con otra particular. Superficialmente, Deyoces sirve como la antítesis de Ciro.

El hijo de la princesa meda Mandane y el noble persa Cambises es un niño divino, que sobrevive milagrosamente tras ser expuesto y vive durante su infancia bajo una identidad falsa para regresar posteriormente con su familia biológica y llegar a la edad adulta como el hombre más valiente y querido por sus coetáneos.³⁰ Al derrotar a su malvado abuelo materno Astiages pone fin al reino medo y se convierte en el libertador de su pueblo.³¹ Bajo su mando, los persas pasan de ser vasallos a hombres libres que ejercen hegemonía sobre otros. Así pues, experimentan un progreso.

El hijo de Fraortes no puede presumir de ilustre prosapia. Su 'biografía', sucinta e imprecisa como apuntamos más arriba, está en las antípodas de las azarosas vicisitudes que supera su descendiente persa. Ya señalamos que no sobresale entre los de su edad ni por origen ni por valentía.³² Por ello, a primera vista parece que tampoco tenga carisma, aunque tendremos que matizarlo más abajo.

²⁷ Según Aristóteles, tiranos griegos y reyes bárbaros emplean guardia personal para protegerse y promueven obras de gran magnitud, como las pirámides de Egipto, las ofrendas de los cipséidas, el templo de Zeus Olímpico auspiciado por los pisiátridas o las obras de Polícrates en Samos, para que los gobernados estén demasiado ocupados para tramar contra el gobernante (*Pol.* 1285a; 1313b).

²⁸ Asheri (1988: cxii).

²⁹ Atack (2020: 26).

³⁰ Hdt. 1.107-122; 1.123.1. Sobre Ciro como niño divino, véase Binder (1964).

³¹ 1.123.2-130.1. La fama de libertador lo acompaña después de muerto (Hdt. 7.2.1; 9.122.3).

³² Hdt. 1.99.2, véase p. 4.

Por si fueran pocas diferencias, cuando Deyoces entra en escena los medos son libres. Acaban de conquistar su libertad, sentando un precedente para los demás pueblos sometidos a los asirios. Una vez que su ejemplo ha cundido, los medos caen paradójicamente de nuevo en la tiranía,³³ pero no por las armas y bajo un yugo extranjero. Aceptan voluntariamente que les mande uno de sus compatriotas, Deyoces. En este respecto, los medos experimentan una regresión y nuestro protagonista, lejos de liberar a los suyos, los tiraniza.³⁴ No obstante, a un nivel más profundo, la antítesis entre libertador y tirano se diluye.

Una noche, a orillas del Araxes, el rey persa sueña con el hijo de Histaspes. Al joven Darío le brotan alas de los hombros, una cubre Asia y la otra, Europa. Al despertar, el durmiente interpreta el sueño como una señal de conspiración.³⁵ Ni siquiera Ciro, a quien los persas consideran un padre, un soberano amable que siempre procura su bien,³⁶ cree que su poder esté a salvo. El peligro de verse desposeído tiene cara y ojos, justamente los de Darío, el mismo personaje que se confabula con Otanes y otros para acabar sucediendo a Esmerdis.

Si nos fijamos en el temor a conspiraciones, Deyoces también funciona como un reflejo de Ciro. Eso sí, el reflejo se vuelve más nítido si tenemos en cuenta por qué Ciro se encuentra en el río Araxes. Ha cruzado la frontera de su territorio para ampliar su imperio a costa de los masagetes:

ταύτην πέμπων ὁ Κῦρος ἐμνάτο τῷ λόγῳ θέλων γυναῖκα ἣν ἔχειν, ἡ δὲ Τόμυρις συνιῖσα οὐκ αὐτήν μιν μνόμενον ἀλλὰ τὴν Μασαγετέων βασιλῆην, ἀπειπάτο τὴν πρόσοδον.³⁷

El miedo a perder el poder presupone la ambición de ganarlo y, desde luego, Ciro la posee. Heródoto abre otra ‘ventana’ a los pensamientos de un personaje para mostrar a sus lectores que la mujer destinataria de las atenciones de Ciro es plenamente consciente de la realidad. El verbo μνάομαι sugiere que el rey está enamorado, pero no de una mujer que circunstancialmente reina sobre los masagetes, sino del poder que adquiriría al casarse con ella.

Tomiris y su reino constituyen el objeto concreto de la pasión de Ciro, que tiene su correlato en Deyoces. Él está enamorado del poder (ἐρασθεῖς

³³ Hdt. 1.95.2-96.1.

³⁴ Nótese que los conceptos de tiranía y monarquía son equivalentes, ya que Heródoto utiliza los términos τύραννος y βασιλεύς como sinónimos, véanse Walter (2004: 86); Thomas (2012: 248).

³⁵ Hdt. 1.209.

³⁶ Hdt. 3.89.3.

³⁷ Hdt. 1.205.1: “Ciro la cortejó, enviándole un mensaje en el sentido de que quería tomarla por esposa, pero Tomiris, comprendiendo que no la cortejaba a ella, sino el reino de los masagetes, le negó el acceso”. Véase también Hdt. 1.201.

τυραννίδος) y lo corteja (μνόμενος ἀρχήν).³⁸ Le atrae el poder en abstracto y da la impresión de centrar sus esfuerzos en obtenerlo en su tierra natal por oportunismo, porque le resulta más accesible. De hecho, no trata de expandir su autoridad sobre otros pueblos, conformándose con ejercerla sobre todas las tribus medas.³⁹

Ello contrasta con la actitud del fundador del Imperio persa, cuyo deseo de poder no conoce límites. No contento con sus conquistas previas, quiere sojuzgar a los masagetas enseguida y emprende abiertamente una campaña tan pronto como Tomiris se niega a aceptar su proposición, que Heródoto califica como δόλος (“cebo, ardid”).⁴⁰ La invencibilidad de Ciro se trunca entonces abruptamente, cae derrotado y muerto en batalla y su cadáver es profanado.⁴¹ El enamoramiento de Ciro queda insatisfecho, ya que no consigue ampliar sus dominios. Quizá habría podido tener éxito si, en vez de pasar a la ofensiva al primer rechazo, hubiese seguido cortejando a Tomiris con constancia.

La constancia es clave en el cortejo de Deyoces, que sigue una estrategia diseñada con vistas al largo plazo, conforme ya dijimos. La maniobra que le permite colmar su amor por el poder no entraña violencia, pero sí engaño,⁴² como corresponde a un buen seductor. En realidad, es tan sutil que no le hace falta mentir, solo disimular. Consiste en cinco pasos:

1. Aprovechar la coyuntura política
2. Aprovechar sus propias capacidades
3. Ser elegido juez
4. Hacer chantaje
5. Ser elegido rey

Los medos son gente valerosa que ha conquistado su libertad, pero no parecen igualmente buenos para organizarse. Tras la independencia, se sumergen en un estado de anarquía (εὐούσης ἀνομίης πολλῆς ἀνὰ πᾶσαν τὴν Μηδικήν). En lugar de dejarse arrastrar por ella, Deyoces la contempla como una ocasión para satisfacer su pasión de poder. Si atendemos a su falta de linaje y de reputación de valentía, pensaremos que parte de cero y no tiene carisma. Puede que no tenga el carisma de favorito de los dioses que adorna a Ciro, sin embargo sí cuenta con un halo de respetabilidad. Está bien considerado (δόκιμος) en su aldea porque sabe que lo justo es enemigo de lo injusto (ἐπιστάμενος ὅτι τῷ δίκαιῳ τὸ ἄδικον

³⁸ Hdt. 1.96.1-2. En las *Historias*, hay reyes enamorados de mujeres, como Candaules (Hdt. 1.8.1), Micerino (2.131.1), Cambises (Hdt. 3.31), Aristón (Hdt. 6.62.1) y Jerjes (Hdt. 9.108; 9.113.2), y también un aspirante a tirano, Pausanias, que ama el poder (Hdt. 5.32; Thuc. 1.128-130), Walter (2004: 85, n. 47), pero ninguno mantiene la cabeza fría como Deyoces.

³⁹ Hdt. 1.101.

⁴⁰ Hdt. 1.206.2.

⁴¹ Hdt. 1.214.

⁴² Según Aristóteles (*Pol.* 1304b), el aspirante a tirano que no herede su poder y quiera adquirirlo por sus propios medios, lo hará bien mediante la violencia, bien mediante el engaño.

πολέμιον ἐστί). Siendo inteligente (σοφός), capitaliza su conocimiento innato de la justicia y se dedica a practicarla con más y más empeño⁴³. Gracias a sus méritos, consigue ser elegido juez de su aldea. Como dicho cargo es únicamente un peldaño en la escalera del poder, continúa haciendo gala de rectitud. Ello hace que su fama acabe extendiéndose a largo y ancho del país:

οὕτω ὥστε πυνθανόμενοι οἱ ἐν τῇσι ἄλλησι κώμησι ὡς Δηϊόκης εἴη ἀνὴρ μόνος κατὰ τὸ ὀρθὸν δικάζων [...] τέλος δὲ οὐδενὶ ἄλλῳ ἐπετράποντο.⁴⁴

El monopolio de la justicia demuestra ser tan efectivo como el monopolio comercial, ya que le da un instrumento de presión social muy útil para sus propósitos.⁴⁵ En cuanto toda práctica judicial depende de él, anuncia que se retira con el pretexto de un conflicto de intereses: si se ocupa de los asuntos de los demás, descuida los suyos propios.⁴⁶ Al interrumpir su actividad, deja a los medos tan inermes como Aquiles a los aqueos, cuando abandona la lucha por su disputa con Agamenón. De hecho, la anarquía aumenta y, con ella, crece la necesidad de los medos de Deyoces.⁴⁷ Al contrario que el hijo de Peleo, el de Fraortes no ha sido agraviado y no tiene derecho a reparación. Por una vez, se aparta conscientemente del camino de la justicia y hace chantaje a su pueblo.⁴⁸

Sumidos nuevamente en la anarquía, los medos celebran una asamblea que refleja el debate constitucional de los persas.⁴⁹ En la asamblea, Deyoces está conspicua y hábilmente ausente, no compromete su buen nombre tomando parte en ella. Heródoto supone que son sus partidarios quienes abogan por el régimen monárquico:

ὡς δ' ἐγὼ δοκέω, μάλιστα ἔλεγον οἱ τοῦ Δηϊόκεω φίλοι 'οὐ γὰρ δὴ τρόπῳ τῷ παρεόντι χρεώμενοι δυνατοὶ εἰμὲν οἰκέειν τὴν χώραν, φέρε στήσωμεν ἡμέων αὐτῶν βασιλέα· καὶ οὕτω ἢ τε χωρῇ εὐνομήσεται καὶ αὐτοὶ πρὸς ἔργα τρεψόμεθα, οὐδὲ ὑπ' ἀνομίης ἀνάστατοι ἐσόμεθα'.⁵⁰

⁴³ Hdt. 1.96.2.

⁴⁴ Hdt. 1.96.3: “de tal forma que, al averiguar los de las otras aldeas que Deyoces era el único hombre que juzgaba según lo correcto, y habiendo tropezado antes con sentencias injustas, cuando lo oían, acudían contentos junto a Deyoces para que les dictara sentencias y al final no se remitían a ningún otro”.

⁴⁵ Thomas (2012: 250).

⁴⁶ Hdt. 1.97.1.

⁴⁷ Hdt. 1.97.2.

⁴⁸ Para Ober (2022: 138), se trata de una huelga, pero en la de Deyoces no hay intención de reivindicar o protestar, sino de extorsionar.

⁴⁹ Hdt. 3.80-82, véanse Arieti (1995: 120); Belloni (2006: 208); Munson (2020: 150).

⁵⁰ Hdt. 1.97.2-3: “Y, según creo, fueron sobre todo los amigos de Deyoces quienes hablaron: ‘Ya que no podemos habitar esta tierra en las circunstancias actuales, venid, nombremos un rey, y entonces la tierra estará bien gobernada y atenderemos nuestros asuntos y no nos afligirá la anarquía’”.

Una vez elegida la forma de gobierno, llega el momento de designar un rey. Los portavoces de Deyoces, si realmente los tiene, ponen cuidado en no mencionarlo. Su nombre aparece solo en boca del pueblo, repetidamente propuesto y alabado, por lo que finalmente es elegido rey.⁵¹ Los medos abdican sus responsabilidades públicas en él, sacrificando su libertad colectiva en aras del orden. Esta elección democrática de un rey está viciada, en la medida en que quienes la llevan a cabo no conocen la motivación de su nuevo monarca.⁵² Este ha logrado llegar a lo más alto sin dejar entrever a sus compatriotas devenidos en súbditos su amor por el poder.

Al presentar así el ascenso, Heródoto genera en sus lectores una sensación de superioridad con respecto al conjunto de los medos y explota la ambigüedad del personaje. Habría podido concluir su relato con Deyoces ceremoniosamente recluido en su capital. También habría podido desenmascararlo como un hipócrita que, tras ser nombrado rey, abandona toda pretensión de justicia para dedicarse a robar, matar o maltratar a sus vasallos, al estilo del tirano Cípselo de Corinto.⁵³

En cambio, Heródoto no hace ni una cosa ni otra:

ἐπεῖτε δὲ ταῦτα διεκόσμησε καὶ ἐκράτυνε ἑαυτὸν τῇ τυραννίδι, ἣν τὸ δίκαιον φυλάσσων χαλεπός· καὶ τὰς τε δίκας γράφοντες ἔσω παρ' ἐκεῖνον ἐσπέμπεσκον, καὶ ἐκεῖνος διακρίνων τὰς ἐσφερομένας ἐκπέμπεσκε. ταῦτα μὲν κατὰ τὰς δίκας ἐποίεε, τὰδε δὲ ἄλλα ἐκεκοσμέατο οἱ· εἴ τινα πυνθάνοιτο ὑβρίζοντα, τοῦτον ὅκως μεταπέμψαιτο κατ' ἀξίην ἐκάστου ἀδικήματος ἐδικαίειν, καὶ οἱ κατάσκοποι τε καὶ κατήκοοι ἦσαν ἀνὰ πᾶσαν τὴν χώραν τῆς ἡρχε.⁵⁴

Deyoces mantiene como soberano el mismo compromiso férreo con la justicia que como persona particular. Para impartirla tras los muros de su palacio-fortaleza, necesita el concurso de representantes gubernamentales que le informen de lo que vean y oigan. La intervención de estos evoca la organización que Ciro otorga a su corte ficticia de niño. A los diez años, cuando todavía es considerado hijo de un boyero, es elegido rey por sus compañeros de juego. El muchacho se toma en serio su papel. Entre los chicos nombra: cortesanos, integrantes de su guardia personal, introductores de mensajes e, incluso, un ojo del rey. Es más, se arroga el derecho a hacer justicia y ordena azotar a un niño por

⁵¹ Zali (2014: 157, n. 150).

⁵² Walter (2004: 85, n. 45).

⁵³ Hdt. 5.92ε.

⁵⁴ Hdt. 1.100.1-2: “Después de hacer estas disposiciones y consolidarse en la tiranía, era un duro guardián de la justicia. Le enviaban frecuentemente dentro al palacio tras escribir los litigios y él enviaba los remitidos, tras haberlos dirimido. E hizo esto en relación con los litigios, y sobre las demás cosas hizo estas disposiciones: si averiguaba que alguno había obrado con insolencia, enviaba por él y administraba la sentencia conforme a cada delito y había veedores y oidores suyos por todo el territorio que gobernaba”.

desobedecerle.⁵⁵ Ya adulto, sigue velando por la justicia. Desiste de quitar la vida cruelmente a su enemigo derrotado, Cresos de Lidia.⁵⁶ También hemos visto cómo manda mutilar merecidamente al mago Esmerdis, posibilitando incidentalmente su identificación posterior como impostor. Asimismo, al soñar que Darío maquina contra él, no lo hace ejecutar secretamente como habría hecho Cambises. En lugar de ello, lo reclama a su lado para interrogarlo y desentrañar la verdad antes de tomar medidas drásticas, aunque la muerte le sorprende y todo queda en nada.⁵⁷

Como buen padre de su pueblo, Ciro es justo en las diversas etapas de su vida. Esta cualidad se refleja en Deyoces. En su caso, más que una virtud, constituye un síntoma de astucia. En otras palabras, para el hijo de Fraortes, la justicia no es un fin por sí misma, sino un medio para hacerse con la tiara y conservarla. Al fin y al cabo, su rectitud es la única fuente de legitimidad que tiene a su alcance.⁵⁸

Sus agentes le permiten estar al tanto de los atropellos que se cometen en su reino, pero solo porque espían a la población. Por tanto, el afán de justicia y el de control están inextricablemente unidos en un único personaje. La justicia que cultiva Deyoces es tan ambivalente como su como de labor de constructor.

Instrumentalizar la justicia para someter a sus compatriotas parece algo reprehensible.⁵⁹ Otanes seguramente habría estado de acuerdo. Como hemos visto, entiende el hecho de alejarse de la manera de pensar habitual como un defecto de quienes gobiernan en solitario. Sin duda, Deyoces no piensa como un medo normal, tiene más ambición y más visión de futuro.

En política, esta mentalidad suele dar buenos frutos. Aunque no es lo bastante famoso como para ser citado como modelo de príncipe en *El Príncipe*, se ajusta a las recomendaciones de Nicolás Maquiavelo. El teórico político florentino anima a los dirigentes a no desviarse del bien si es posible, pero a saber entrar en el mal si es necesario.⁶⁰ De este modo, la ambigüedad moral como la que distingue al rey medo no solo se tolera, sino que es un requisito indispensable para gobernar.

⁵⁵ Hdt. 1.114-115, véase Zournatzi (2013: 241-242).

⁵⁶ Hdt. 1.86.6-87.1, véase Silva (2018: 70)

⁵⁷ Hdt. 1.209.3; 3.30, véanse también pp. 4 y 7.

⁵⁸ Existe un consenso general sobre la base de la legitimidad de Deyoces. Véanse Walter (2004: 81); Thomas (2012: 249); Zournatzi (2013: 239); Fitzsimons (2017: 32, n. 135).

⁵⁹ Walter (2004: 91-92); Fitzsimons (2017: 32, n. 134); Munson (2020: 153).

⁶⁰ Maquiavelo (1985: 140). En concreto, Deyoces sería el príncipe que adquiere su principado por sí mismo sin exhibir virtud ni ejercer la violencia, sino mediante *astuzia fortunata*, véase Maquiavelo (1985: 106-107). Sobre la presencia de Deyoces en otros espejos de príncipes de la Edad Moderna, véase García Sánchez (2019: 415).

4. EL REFLEJO DE DARÍO

En la inscripción que él mismo hace grabar en el monte Behistun, Darío se presenta como el azote de la mentira, el escogido por Ahura Mazda para derrocar al mago Gaumata (*alias* Esmerdis).⁶¹ Heródoto se acerca a esta versión oficial de los hechos, pero introduce notas discordantes significativas.⁶² Una de ellas afecta a la imagen que proyecta Darío. Aunque incluye decir la verdad entre los tres pilares de la educación persa, el autor de Halicarnaso presenta al hijo de Histaspes como un hombre poco inclinado a la sinceridad.⁶³

Nos dice que los persas lo consideran un comerciante porque mercadea con todo.⁶⁴ Al margen de su sentido literal,⁶⁵ esta valoración admite una interpretación figurada y denota ambigüedad moral. Dicha ambigüedad queda patente en el complot contra Esmerdis. La participación de Darío en él parece fruto de una coincidencia, como si fuera un añadido de última hora al plantel de intrigantes, todos los cuales son, por cierto, mayores que él. Según un esquema folclórico reconocido, su juventud le garantiza el protagonismo.⁶⁶ Efectivamente, enseguida abandona el segundo plano y pone de manifiesto su oportunismo.⁶⁷ Además, Darío se muestra dispuesto a mentir a los guardias del mago para que dejen pasar a los conjurados, pese a que finalmente no es necesario, y defiende su postura con un relativismo de corte sofisticado.⁶⁸

ἐνθα γάρ τι δεῖ ψευδός λέγεσθαι, λεγέσθω. τοῦ γὰρ αὐτοῦ γλιχόμεθα οἱ τε ψευδόμενοι καὶ οἱ τῇ ἀληθείᾳ διαχρεώμενοι. οἱ μὲν γε ψεύδονται τότε ἐπεὰν τι μέλλωσι τοῖσι ψεύδεσι πείσαντες κερδήσεσθαι, οἱ δ' ἀληθίζονται ἵνα τῇ ἀληθείᾳ ἐπισπάσωνται κέρδος καὶ τι μᾶλλον σφι ἐπιτράπηται. οὕτω οὐ ταῦτ' ἀσκέοντες τῷ τοῦ περιεχόμεθα.⁶⁹

La idea de que el fin justifica los medios no es un mero argumento dialéctico, sino una convicción que guía sus actos. Darío disiente de Otanes, que desea

⁶¹ Véanse Asheri & Brosius (2007: 529-530, §§ 5, 10-11, 13); Zournatzi (2013: 240).

⁶² García Sánchez (2009: 111).

⁶³ Hdt. 1.136, véase Immerwahr (1966: 170).

⁶⁴ Hdt. 3.89.3.

⁶⁵ Darío reorganiza la administración política y pone en marcha un eficaz sistema tributario del imperio (Hdt. 3.89-97.1), véase García Sánchez (2009: 116-117). Que Deyoces mande erigir también cámaras del tesoro (Hdt. 1.98.5) podría reflejar un interés similar al de Darío por la recolección de impuestos.

⁶⁶ Aly (1921: 116).

⁶⁷ García Sánchez (2009: 113).

⁶⁸ La circunstancia de que finalmente no le haga falta mentir (Hdt. 3.77.1, véase p. 4) no invalida las tendencias sofisticadas de Darío. Sobre ellas, véase Provencal (2015: 236).

⁶⁹ Hdt. 3.72.4: “Cuando sea necesario mentir, que se mienta. Lo mismo queremos los mentirosos que los que dicen la verdad; unos mienten para ganar crédito y ventaja con la mentira, mientras que otros dicen la verdad para obtener alguna ganancia con la verdad y ser más dignos de confianza; así nos acercamos a los mismos fines por diferentes medios”.

tomarse tiempo para preparar el golpe. Él prefiere actuar el mismo día que entra en contacto con los conjurados. Como no puede persuadirlos, los amenaza:

ἢ ποιέωμεν σήμερον ἢ ἵστε ὑμῖν ὅτι ἦν ὑπερπέση ἢ νῦν ἡμέρη, ὥς οὐκ ἄλλος
φθὰς ἐμεῦ κατήγορος ἔσται, ἀλλὰ σφεα αὐτὸς ἐγὼ κατερῶ πρὸς τὸν Μάγον
σφεα αὐτὸς ἐγὼ κατερῶ πρὸς τὸν Μάγον.⁷⁰

Aun con la adhesión inmediata de otro de los principales conspiradores, Gobrias, la discusión sobre cuándo actuar se prolonga hasta que todos son testigos de un augurio y se impone la acción rápida propugnada por Darío.⁷¹ La dilación lo camufla hasta cierto punto, pero no cambia el hecho de que el joven extorsiona a sus camaradas.⁷² En la medida en que también logra lo que quiere mediante el chantaje a personas que confían en él, Deyoces funciona como un reflejo del hijo de Histaspes.

El reflejo adquiere mayor definición en el debate constitucional. Frente a las propuestas de Otanes y Megabizo en pro de la isonomía y la oligarquía respectivamente, Darío se muestra partidario de la monarquía y recaba cuatro de siete votos, por lo que este régimen prevalece democráticamente, como ocurre en la asamblea meda.⁷³

En su discurso, construido en contraste con la argumentación de Otanes, el joven aduce que la monarquía, lejos de alterar las costumbres ancestrales, es la forma de gobierno tradicional y más deseable para los persas, por cuanto que su implantador les ha llevado a la libertad colectiva.⁷⁴ Al decir esto, Darío alude claramente a Ciro para avalar su opción política. No obstante, las cualidades que adjudica a quien gobierna en solitario no remiten al fundador del imperio, sino a Deyoces. Así, el monarca arquetípico de Darío es un hombre hecho a sí mismo que utiliza su perspicacia para gobernar y urde planes secretos contra sus enemigos:

ἄνδρὸς γὰρ ἐνὸς τοῦ ἀρίστου οὐδὲν ἄμεινον ἂν φανείη· γνώμη γὰρ τοιαύτη
χρεώμενος ἐπιτροπεύει ἂν ἀμωμήτως τοῦ πλήθους, σιγῶτό τε ἂν βουλευμάτα
ἐπὶ δυσμενέας ἀνδρας οὕτω μάλιστα.⁷⁵

⁷⁰ Hdt. 3.71.5: “O lo hacemos hoy o sabed que, si pasa el día de hoy, nadie más os acusará antes que yo, pues yo mismo os denunciaré al mago”.

⁷¹ Hdt. 3.73; 3.76.3.

⁷² Zali (2014: 149).

⁷³ Si bien la asamblea meda es más representativa que el restringido y aristocrático debate persa, la decisión se alcanza en ambos casos por medio del voto directo, Zali (2014: 157); Ober (2022: 149-153).

⁷⁴ Hdt. 3.82.5. Munson (2020: 151, 154).

⁷⁵ Hdt. 3.82.2: “No parecería haber nada mejor que el mejor hombre solo, usando tan buen juicio, gobernaría a la multitud de forma irreproachable y ocultaría mejor los planes contra los enemigos”.

Naturalmente, estas palabras de Darío se adecúan al contexto de la reciente maquinación contra el suplantador Esmerdis. También encajan bien con el *modus operandi* de su lucha contra el gobernador de Lidia Oretes, que desafía su autoridad en la primera etapa de su reinado.⁷⁶ Pero, al mismo tiempo, traslucen una inteligencia y habilidad para disimular muy semejantes a las que ejemplifica Deyoces en su subida al poder.

En su alocución, Darío da también una receta para obtener el cetro, que además prueba la excelencia del propio régimen monárquico:

κακότητος τοίνυν ἐγγινομένης ἐς τὰ κοινὰ ἔχθρα μὲν οὐκ ἐγγίνεται τοῖσι κακοῖσι, φίλῃαι δὲ ἰσχυραί· οἱ γὰρ κακοῦντες τὰ κοινὰ συγκύψαντες ποιεύσι. τοῦτο δὲ τοιοῦτο γίνεται ἐς ὃ ἂν προστάς τις τοῦ δήμου τοὺς τοιούτους παύσῃ. ἐκ δὲ αὐτῶν θωμάζεται οὗτος δὴ ὑπὸ τοῦ δήμου, θωμαζόμενος δὲ ἀν' ὧν ἐφάνη μονάρχος ἐών, καὶ ἐν τούτῳ δηλοῖ καὶ οὗτος ὡς ἡ μοναρχίη κράτιστον.⁷⁷

En el núcleo de su receta, Darío coloca a una especie de salvador que protege al pueblo de sí mismo, puesto que cuando este detenta el poder proliferan los abusos. Sin embargo, la fórmula también admite otras lecturas. Por un lado, la etiqueta de salvador del pueblo puede entenderse a la luz del pasado reciente, como una referencia a los conjurados que acaban de poner fin a los desafueros de los magos.⁷⁸ Por otro, es igualmente aplicable a Deyoces. Recordemos que el medo aprovecha una coyuntura política lastrada por la inestabilidad. Solucionar los problemas que sufre el pueblo del que él mismo forma parte permite al hijo de Fraortes trascender su condición de particular.

El salvador del pueblo sobre el que teoriza Darío tampoco es un benefactor puro, puesto que no pone coto a los malvados solo para hacer el bien, sino que saca provecho de su capacidad para frenar los atropellos. Capitaliza sus servicios a la gente haciéndose acreedor de su admiración. La admiración popular, a su vez, lo encumbra hasta el trono. Es decir, alcanza el pináculo de la pirámide social gracias a un favor popular derivado de unas buenas obras que parecen hechas por cálculo más que por altruismo.

Por su parte, Deyoces se gana la admiración de los medos mediante un ejercicio de justicia que no obedece tanto a la filantropía como a la premeditación. Que no la persiga por sí misma no obsta para que la administre bien.⁷⁹ De hecho,

⁷⁶ Hdt. 3.126-128.

⁷⁷ Hdt. 3.82.4: “cuando se produce iniquidad contra el estado, no surgen enemistades entre los malvados, sino fuertes alianzas; porque los que hacen daño al estado se encubren mutuamente para hacerlo juntos. Esto sucede hasta que alguien del pueblo se levanta y detiene a estos hombres. En virtud de ello, este individuo se convierte en el ídolo del pueblo y siendo su ídolo aparece convertido en monarca; y así demuestra también él que la monarquía es lo mejor”.

⁷⁸ Zali (2014: 148).

⁷⁹ Atack (2020: 24).

no consta descontento de los medos en lo referente al desempeño judicial de Deyoces, ni antes ni después de ser nombrado rey. Por tanto, parece que mantiene el favor popular en todo momento y encarna el modelo dárlico de soberano que rige a los suyos de manera irrefragable (ἀμωμήτως).

5. CONCLUSIÓN

En vista de lo expuesto, concluimos que la 'biografía' de Deyoces refleja comportamientos, atributos o ideas de Esmerdis el mago, Ciro y Darío.

A imagen de Esmerdis, Deyoces se hace inabordable recurriendo al protocolo, se aísla y se protege de posibles complots mediante guardias armados, pese a superarlo por su condición de constructor y de hombre justo.

Precisamente la justicia es el atributo de Deyoces que más evoca la personalidad de Ciro, difuminando la antítesis entre ambos. Dicho contraste se suaviza asimismo porque Ciro también teme conspiraciones y, sobre todo, porque no sabe poner límites al amor al mismo poder absoluto que estimula a Deyoces, cuyas aspiraciones no obstante están más acotadas.

En Deyoces se proyecta la ambigüedad moral de Darío tanto en el plano práctico como en el teórico. En el plano práctico, la ambigüedad se plasma en el chantaje y el disimulo que emplean uno y otro. En el plano teórico, la estrategia de Deyoces concuerda con la trayectoria del soberano ideal planteada por Darío a la perfección, hasta el punto de dar la impresión de que el hijo de Histaspes tiene al medo en la mente cuando habla.

La caracterización del más o menos mítico rey Deyoces de Media, elaborada a partir de tres monarcas del Imperio persa, ilustra la penetrante mirada con la que Heródoto disecciona a los soberanos orientales empeñados en instaurar sus propios reinos.

Sin perder su categoría de estereotipo, Deyoces es un personaje polifacético, tejido a base de capas superpuestas que entran en conflicto entre sí. Tenemos el manto de un impostor como Esmerdis, que compra tiempo en un trono que no le pertenece distanciándose de los demás, pero también el de un forjador de vida comunitaria que puede verse a la vez como héroe civilizador y como tirano autoritario. Existe además la túnica que viste un padre del patria como Ciro, que resuelve las disputas de los suyos, pero que ha llegado donde está por ansia de poder y ha creado una red de espías para controlar a sus súbditos y, aunque parezca extraño, mantener el orden que les permite dedicarse a sus asuntos y prosperar. Finalmente, está la capa que cubre a un individuo de dudosa moralidad, que saca partido de situaciones problemáticas, disimula sus intenciones y chantajea a los suyos, pero que a pesar de ello salva al pueblo de sí mismo y resulta ser un buen rey.

En suma, Deyoces personifica la paradoja del ambicioso soberano oriental de nuevo cuño, que se mueve en la ambivalencia, caminando por la cuerda floja entre la opresión y el cuidado de su pueblo.

Bibliografía

- Aly, W. (1921), *Volksmärchen, Sage und Novelle bei Herodot und seinen Zeitgenossen. Eine Untersuchung über die volkstümlichen Elemente der altgriechischen Prosaerzählung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Arieti, J. A. (1995), *Discourses on the First Book of Herodotus*. Lanham: Littlefield Adams Books.
- Asheri, D. (1988), *Erodoto. Le Storie. Libro I. La Lidia e la Persia, a cura di David Asheri*. Milano & Roma: Fondazione Lorenzo Valla.
- Asheri, D. & Medaglia, M. (1990), *Erodoto. Le Storie. Libro III. La Persia, a cura di David Asheri e Silvio M. Medaglia*. Milano & Roma: Fondazione Lorenzo Valla.
- Asheri, D. & Brosius, M. (2007), "Appendix I. The Inscription of Behistun", in Asheri, D., Lloyd, A., Corcella, A. (eds.), *A Commentary on Herodotus. Books I-IV*. Oxford, University Press: 528-537.
- Atack, C. (2020), *The Discourse of Kingship in Classical Greece*. London & New York: Routledge.
- Belloni, L. (2006), "Deioce, o 'della regalità' (Erodoto 1.95-101)", *Prometheus* 32: 208-216.
- Bichler, R. (2001), *Herodots Welt. Der Aufbau der Historie am Bild der fremden Länder und Völker, ihrer Zivilisation und ihrer Geschichte*. Berlin: De Gruyter.
- Binder, G. (1964), *Die Aussetzung des Königskindes: Kyros und Romulus*. Bergen: Meisenheim a. G.
- Briant, P. (2002), *From Cyrus to Alexander: A History of the Persian Empire (Histoire de l'Empire perse*. Paris, 1996, transl. Peter T. Daniels). Eisenbrauns: Penn State University Press.
- Brosius, M. (2020), *A History of Ancient Persia: The Achaemenid Empire*. Hoboken: Blackwell.
- Chiasson, C. C. (2012), "Myth and Truth in Herodotus' Cyrus Logos", in E. Baragwanath, E., Bakker, M. de (eds.), *Myth, Truth, and Narrative in Herodotus*. Oxford, University Press: 213-232.
- Degen, J. (2017), "Wahrnehmung und Darstellung von Palästen in den Historien Herodots", in Rollinger, R. (ed.), *Die Sicht auf die Welt zwischen Ost und West (750 v. Chr.-550 n. Chr.* Wiesbaden, Harrassowitz Verlag: 31-80.
- Fitzsimons, S. (2017), *The Leadership Styles of the Persian Kings in Herodotus' Histories* (PhD dissertation). Manchester: The University of Manchester.
- García Sánchez, M. (2009), *El gran rey de Persia: formas de representación de la alteridad persa en el imaginario griego*. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona.

- García Sánchez, M. (2019), “¿Príncipes o tiranos? La *Ciropedia* de Jenofonte, la monarquía aqueménida y los *specula principum* de la modernidad (siglo XVI)”, *Gerión* 37/2: 399-423.
- Kuhrt, A. (1995), *The Ancient Near East c. 3000–330 BC. Vol. 2*. London & New York: Routledge.
- Maquiavelo, N. (1985), *El príncipe* (Machiavelli, N. (1532), *Il Principe*, Roma; trad. Helena Puigdoménech). Madrid: Tecnos.
- Munson, R. V. (2020), “Freedom and culture in Herodotus”, in T. Figueira and C. Soares (eds), *Ethnicity and Identity in Herodotus*. London, Routledge: 143-158.
- Ober, J. (2022), *The Greeks and the Rational. The Discovery of Practical Reason*. Oakland: University of California Press.
- Palomar, N. (1987), “El logos de Deyoces (Heródoto I 95-102)”, *Itaca* 3: 23-35.
- Patzek, B. (2004), “Die Deioke-Erzählung im Rahmen der Persergeschichten Herodots: eine konsequente Reihe historisch-erzählerischer Sinngebungen”, in Meier, M., Patzek, B., Walter, U., Wiesehöfer, J. (Hrsgg.), *Deiokes, König der Meder. Eine Herodot-Episode in ihren Kontexten*. Stuttgart, Franz Steiner Verlag: 53-73.
- Pelling, C. (2016), “Herodotus’ Persian Stories: Narrative Shape and Historical Interpretation”, *Syllecta Classica* 27: 65-92.
- Powell, J. E. (1938), *A Lexicon to Herodotus*. Cambridge: University Press.
- Provencal, V. L. (2015), *Sophist Kings: Persians as Other in Herodotus*. London: Bloomsbury.
- Rollinger, R. (2003), “The Western Expansion of the Median ‘Empire’: A Reexamination”, in Lanfranchi, G. B., Roaf, M., Rollinger, R. (eds.), *Continuity of Empire(?) Assyria, Media, Persia*. Padua, Sargon Editrice: 289-319.
- Silva, M. A. de Oliveira (2018), “A trilogia trágica de Heródoto”, *Teatro: criação e construção de conhecimento* 6/2: 61-73.
- Soudavar, A. (2012), “Astyages, Cyrus and Zoroaster: Solving a Historical Dilemma”, *Iran* 50: 45-78.
- Souza e Silva, M. de F. (2014), “Da democracia à politeia A imagem de uma velha conquista européia”, *O que nos faz pensar* 23/34: 63-72, <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/405>.
- Tank, H. K. (2019), *Living with the Rules: the Rule of Law and Gender in Herodotus’ Histories* (PhD dissertation). Birmingham: University of Birmingham.
- Thomas, R. (2012), “Herodotus and the Eastern Myths and Logoi: Deioke the Mede and Pythius the Lydian”, in Baragwanath, E., Bakker, M. de (eds.), *Myth, Truth, and Narrative in Herodotus*. Oxford, University Press: 233-253.